

O MUNDO COMO UM TEXTO – UMA ALTERNATIVA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

BARCELOS, Valdo. – UFSM – vbarcelos@terra.com.br

GT: Educação Ambiental/n.22

Agência Financiadora: CNPq

1- Introdução

Este texto é resultado de um projeto de pesquisa integralmente financiado pelo CNPq. Minha intenção com o mesmo é convidar para um diálogo sobre as possibilidades de intervenção nas questões ecológicas (QE) tendo como ponto de partida o cotidiano vivido. Cotidiano, este, que pode ser a sala de aula de uma escola qualquer; um grupo de pequenos agricultores(as); uma comunidade de moradores urbanos. Enfim, um grupo de pessoas envolvidas com a discussão de suas (QE) cotidianas.

Meu objetivo com este texto não é propor mais uma alternativa pedagógica “salvadora” em educação ambiental (EA). Até porque essa idéia de salvação é moderna demais para os tempos e ventos pós-modernos que nos “abraçam”. Com esta pesquisa busquei contribuir com as possibilidades pedagógicas de intervenção nas questões ambientais pois, como alerta Sato (2000), há que ampliar os referenciais teóricos existentes - não raro importados rapidamente - que em muitos casos, mostram-se inadequados para as realidades locais. Para Zakrzewski (2003) ainda persistem em nossas práticas de (EA) visões simplificadoras da complexidade da questão ecológica local/global. Parto da proposição de Reigota (1995), para quem, em (EA), não podemos nos basear apenas na transmissão de conhecimentos acadêmicos e de técnicas. Há que ir além dos conteúdos e conceitos científicos tradicionais.

Para a realização desta pesquisa tomei como referencial metodológico de análise dos textos do poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz¹ (1914-1988), a Teoria das Representações Sociais de origem moscoviana. Para Moscovici (1978) as representações sociais são um conjunto de conceitos e normas originados na vida cotidiana. São o equivalente na sociedade contemporânea aos mitos, sistemas simbólicos e crenças das sociedades ditas tradicionais. Enfim, uma versão contemporânea do senso comum. Desta

¹ Nesta pesquisa foram analisadas passagens das OBRAS COMPLETAS do poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz, publicadas em 15 volumes pelo FONDO DE CULTURA ECONÓMICO. México, 1994.

forma, as representações individuais ou sociais acabam condicionando em muito nossas visões de mundo. Elas mostram-nos que, a todo momento, alguma coisa ausente se adiciona enquanto outras presentes se modificam. Para Reigota (1995), um dos pioneiros no estudo das questões ambientais através das representações sociais, o interesse pelas pesquisas em (EA), via esta teoria, vem recebendo um crescente interesse em diversos países. O Brasil é um deles. Tomei, nesta pesquisa, a teoria das representações sociais não como uma teoria “decifradora de mundos” ou de imaginários sociais, mas sim, como uma possibilidade de diálogo entre autor/texto/leitor e sociedade. Um diálogo que, como defende Pesavento (1998), faz com que a literatura comporte em si uma explicação do real e traduza uma sensibilidade frente ao mundo recuperada pelo autor. Tomo, também, como referência a proposição de Candido (2000), para quem se pode ter como muito confiável e pertinente a relação de condicionamento social entre a obra do autor, a sociedade e a cultura em que o mesmo está inserido.

Neste sentido, a vontade que conduzirá minhas idéias nessa trilha, feita de linhas e letras, é fazer uma aproximação entre a metáfora paziana do texto literário como “representação do mundo”, como “metáfora da realidade”, e uma proposta pedagógica de EA, onde um determinado problema ecológico é tratado, olhado, “interpretado” como um texto.

Em tempos de pós-modernidade a realidade é muito mais o resultado de uma “mistura”, uma “contaminação”, resultante da diversidade de representações, imagens e interpretações que se formam, em decorrência dos meios de comunicação contemporâneos. Elaborações imaginárias que não estão, segundo Vattimo (1992), necessariamente, sendo coordenadas por alguma entidade organizadora central, muito menos única. Tal construção subjetiva leva a uma dilatação dos espaços de vida, proporcionando a entrada em cena de outros possíveis mundos e modos de vida que não são, porém, apenas imaginários, marginais ou complementares ao mundo real, mas que acabam por constituir, através de seu jogo de relações, o mundo real em que vivemos.

A idéia aqui apresentada, de que o mundo pode ser “lido”, “interpretado” como um texto, é uma construção teórica forte e recorrente na obra de Paz. Esta proposta leva a pensar, a “imaginar” o mundo, ou um pedaço deste, como um livro de infinitas páginas, à medida que sua “leitura/interpretação” pode vir a ser um processo interminável. Pode-se

começar, no entanto, dificilmente poderíamos chegar a uma conclusão/interpretação última, definitiva. Mais instigante ainda é que, seguindo esta vertente de raciocínio, poderíamos fazer a “leitura/interpretação” deste mundo ou deste fragmento de realidade sem ter que partir de uma ordem dada *a priori*. Ou seja: a “leitura/interpretação” poderia ser realizada de forma aleatória dependendo de cada “leitor(a)” ou do problema a ser interpretado. A “interpretação” se daria, assim, levando-se em consideração os múltiplos e complexos fenômenos subjacentes ao universo analisado, seja ele um problema ecológico local ou global/planetário. Estou me referindo, neste momento, às diferentes origens e implicações econômicas, históricas, políticas, ideológicas, étnicas, culturais, inerentes aos problemas ecológicos da sociedade pós-moderna em que vivemos. A “interpretação” de um problema ecológico como texto significa, nesta proposta, ir além de uma análise gramatical, semântica, sintática, de conteúdo ou de discurso do mesmo. Significa trabalhar com o texto buscando romper com os seus limites clássicos e pré-estabelecidos. Isto não só é possível como se torna necessário, do ponto de vista de uma proposta pedagógica de características pós-moderna. Nesta perspectiva, ao “interpretarmos” o problema ecológico como um texto, estaremos abrindo espaços não só para a interpretação do que está (es)descrito textualmente como, também, para as representações do mesmo, ou de aspectos seus, através de imagens, desenhos, sons. Enfim, ampliando os limites clássicos de construção textual e exercitando, mesmo que “por dentro” do discurso e do texto, uma outra alternativa não apenas discursiva. Desta forma, a análise provocada incentiva, gera, uma reconstrução textual que questiona, problematiza o próprio texto original em seus limites e formas. O texto seria, assim, trabalhado como um “*gerador de sentidos que, de modo mais ou menos explícito, indaga a forma como os sentidos se produzem*” (Santos, 1999:150). O importante, nesta alternativa de trabalho, é que ela incentiva um processo de discussão e ressignificação por parte dos educandos(as), daquilo que os(as) mesmos(as) explicitam como suas representações sobre o tema em discussão.

O processo de discussão das representações de cada educando(a), ou de cada grupo, se constitui no principal salto pedagógico à medida que é nele que se explicitarão as diferentes “interpretações”, decorrentes do processo de construção simbólica particular de cada um(a) ou de cada grupo. Tal proposição está em sintonia com o que nos sugere Paz em *Pasión Crítica* (1985:84) quando diz que “*A vida é um tecido, quase um texto. Melhor*

dizendo, um texto é um tecido não apenas de palavras mas também de experiências e visões”.

Ao afirmar que o mundo pode ser visto como um texto Octavio Paz (1994) está nos desafiando a pensar nas múltiplas possibilidades de relacionamento e representações deste mundo. Sendo o mundo um texto, posso fazer do mesmo várias leituras, interpretações. O autor afirma que, ao refletir sobre a forma como nossa imaginação representa os objetos, estes não se apresentam tal qual são na realidade. Para ele a maneira de darmos presença ao que queremos nomear é a representação. O texto literário, para Paz, é tecido por sentimentos e por fragmentos do cotidiano, compondo o mundo relativo de cada hora, de cada dia. Assim sendo, tem a capacidade única de, através de ficções e até mesmo de mentiras, revelar verdades que por ora se encontrem escondidas na sociedade. A literatura, ao mesmo tempo em que nos encanta pelo fato de fazer-nos “inventar realidades”, nos fascina por ter a capacidade de levar a duvidar da realidade. É nesta ambigüidade da obra literária que, segundo Paz (1994), reside a possibilidade desta emitir significados distintos e sucessivos para leitores(as) que também se apresentam de maneira distinta e sucessiva, conforme suas construções históricas e sociais. Posso ir além e dizer que como um texto, o mundo, carrega uma infinita dose de virtualidade. Traz, escondido em suas “entrelinhas”, vários outros mundos virtuais a espera de serem lidos, interpretados, representados. Serão tantos mundos e tantos textos quantos(as) forem os seus leitores ou leitoras. Ler e escrever se constituem em maneiras de nomear ou de decifrar signos. Seria como fazer uma caminhada, uma peregrinação. Seria a busca de um sempre à diante.

A escritura seria, assim, um processo de peregrinação pelo mundo ou pelo nosso próprio corpo. A literatura é aqui vista como mais uma forma de produzir conhecimento. Constituindo-se, portanto, como que em um imenso mosaico formado pelos fragmentos da complexidade que são os seres humanos. Por outro lado, o texto literário acaba transformando-se em uma trama capaz de registrar crenças, costumes, conceitos, preconceitos, valores, em um mundo cada vez mais marcado pelo caos e pela incerteza. A literatura, como outras manifestações da arte, pode constituir-se em mais um território de acontecimento da aprendizagem. Uma escola não formal *da e pela* vida, à medida que possibilita aos homens e mulheres um pouco mais de conhecimento sobre si mesmos e sobre sua história, sua cultura. Enfim, sobre seu devir no mundo social. Nesta representação

de mundo como um texto de que nos fala Paz, assim como os textos, o mundo também não é único. Não apresenta uma realidade única, menos ainda, totalmente decifrável. Na sua opinião, o mundo acaba por perder sua realidade, convertendo-se, por vezes, em uma figura de linguagem. A pluralidade de textos implica que não existe, nunca, um texto que seja o verdadeiro e original. Há em cada texto um “lugar vazio” para abrigar a interpretação de cada leitor(a). É neste espaço que se constrói a realidade do texto representada pelas diversas leituras. Esta possibilidade de representação de múltiplas realidades, representadas no texto, cria o paradoxo de, embora sendo sempre único, sempre o mesmo, cada texto veicula variações da mesma realidade. Ou seja, mesmo sendo único, cada texto é distinto, dependendo de cada leitura.

O texto não está fora da história, da cultura, da política, das crenças, mitos e ritos de cada sociedade. Ao contrário, está dentro dela. Faz parte de sua construção ao mesmo tempo em que é construído por ela. Vista deste modo a literatura constitui-se em uma das manifestações humanas e artísticas das mais significativas no sentido de dar forma e divulgar valores neste processo permanente que é a produção da cultura. Muitos são os momentos em que isto pode ser comprovado. Um deles é o estudo da história dos povos. Quando estudamos a história das civilizações constatamos que os textos literários produzidos pelas mesmas tornaram-se os veículos mais potentes de disseminação e/ou consolidação de suas raízes culturais. O texto literário configura-se, assim, como um “pedaço de mundo”, um “fragmento da história”, permanentemente aberto às mais diferentes disciplinas do conhecimento, (história, física, filosofia, sociologia, antropologia, matemática, biologia...), bem como, às mais complexas manifestações humanas (artísticas, religiosas, políticas, afetivas, demens, ludens...).

É esse um dos lugares de onde parto nesta viagem: sendo as (QE) chamamentos, ecos de vozes em tempos de pós-modernidade, emergentes em/do nosso mundo, portanto, parte integrante deste, não poderíamos tratá-las também como um texto e assim tentar entendê-las melhor, através dos sentidos gerados pelo mesmo?

2- O mundo como texto – educação ambiental e literatura

Ao discutirmos sobre as possíveis origens das (QE) alguns consensos começam a se construir. Entre estes está o de que as mesmas são questões de extrema complexidade. São questões que envolvem as mais diferentes dimensões do pensar e do agir humano. Em decorrência disto ao buscarem-se soluções para os problemas ecológicos defrontamo-nos com tantas e tão grandes dificuldades. São dificuldades que em muitos casos, não decorrem de falta de vontade sincera de resolução destes problemas por parte daqueles(as) que estão envolvidos com a questão. São dificuldades e impasses que nem sempre estão relacionadas a discordâncias quanto aos fins a serem atingidos, nem mesmo quanto aos métodos a serem utilizados. Mas estão, sim, vinculadas ao fato de que o mesmo problema ou questão ambiental pode ser visto, representado, de forma diferente, pela pessoa envolvida. Ou seja, as representações que se formam podem ser bastante diferentes, embora o problema seja o mesmo. Uma prova disto é que em muitos casos aquilo que é tido por um problema ecológico por um(a) não o é por outro(a). Nossas representações sobre as (QE) não estão imunes às nossas crenças, nossos valores morais, éticos, religiosos, econômicos, políticos, nossos conceitos científicos, nosso senso comum, nossas ideologias. São criações autônomas e ao mesmo tempo dependentes de nossa cultura e de nosso tempo. Enfim, como afirma Paz, são nossa história, pois, os seres humanos não *estão* na história: são a história.

No texto *América Latina y la democracia* (1983), ao comentar a forma como as idéias e ideologias acabam por afetar nossa vida, Paz, fala de um processo de “*emascaramento*” que, em muitos casos, pode nos levar a ver, ou, a não ver aquilo que queremos ou não queremos ver. Ao transformarmos nossas idéias em ideologias estamos criando mecanismos de cegueira em relação a uma compreensão mais aberta da realidade(s). Na compreensão de Octávio Paz, ao converter nossas representações em ideologias, “*vestimos*”, máscaras, que ao mesmo tempo podem servir para ocultarmo-nos, podem nos impedir de ver os problemas da realidade que nos cerca. Acabam por “*Enganar aos outros e enganam a nós mesmos*” (1994:78). Quando tratamos das (QE) muito facilmente podemos cair nesta armadilha de “*emascaramento*”. Uma questão bastante importante para repensarmos nossas teorias e ações em relação às (QE) é, justamente, esta capacidade de nos ocultarmos em relação a nossas responsabilidades frente às mesmas. Tal atitude fica bastante evidente em nossos discursos sobre os problemas ecológicos, à medida que, via de regra, quando falamos dos mesmos nos excluimos da sua origem. Assumimos

uma certa exterioridade ao problema. Agimos como se não fizessemos parte desta faceta da realidade: a faceta negativa de nossas ações. Esta postura ficou evidente em várias pesquisas que realizei, através de questionários e entrevistas, junto a alunos(as) de cursos que ministrei nos últimos anos para professores(as) das redes de ensino de vários municípios do país, bem como para alunos(as) de diversos cursos de graduação e pós-graduação de diferentes universidades. Isto apenas para citar pesquisas de cunho acadêmico, pois, se nos determos a avaliar com mais atenção, esta ocultação individual frente às (QE) está presente em nossas falas e ações cotidianas. Faz parte instituinte e instituidora de nosso senso comum. Compõe o imaginário de grande parte de nossa sociedade.

Se num primeiro momento esta ocultação individual pode servir para nos eximir de nossa parcela de responsabilidade, num segundo nos dá o direito de apontar os “verdadeiros culpados” por todos os problemas surgidos, no caso em questão, os problemas ecológicos. Esta é uma outra constatação feita nas pesquisas a que me referi acima. As falas acabam, via de regra, revelando que as pessoas atribuem a responsabilidade e/ou a competência para resolver os problemas ecológicos ao “outro” ou “outra”, assim como as “instituições públicas”, - tais como: governos municipais, estaduais, federais e até mesmo a poderes extra nacionais, - e “instituições privadas”, - empresas, indústrias, fábricas, etc...Estes dois exemplos de conseqüências deste “emascaramento” são os dois mais facilmente detectáveis. No entanto, não são os únicos. Desnecessário seria dizer que este discurso, decorrente deste “emascaramento”, traz consigo um processo extremamente contraditório, principalmente se levarmos em consideração o fato de que hoje, dificilmente, encontramos alguém que negue conscientemente sua parcela de responsabilidade nas conseqüências nocivas ao ambiente do modo de vida contemporâneo. Esta dualidade, ou certa contradição, é na verdade uma característica de nossa maneira de pensar. Uma maneira de pensar onde são poucos os espaços possíveis para a convivência entre os contraditórios. Um destes aparentes contraditórios é a dualidade “indivíduo e sociedade” e “sociedade e natureza”. No caso das (QE) estas dualidades aparecem de forma radical e produzem, a meu ver, conseqüências bastante graves. A representação dos problemas ecológicos como exterioridade, suas possíveis causas, bem como, os(as) possíveis responsáveis pela sua solução, nada mais é que uma conseqüência do paradigma moderno de oposição entre seres

humanos e “natureza”. Se num primeiro momento esta representação é sobre o dito “mundo natural” ou “natureza”, logo a seguir se estabelece também em relação ao outro(a) em nossas relações cotidianas. Ao levar este tipo de relação ao extremo o que acontece é que nos afastamos de nós mesmos, ou seja, acabamos caindo na armadilha de não mais entendermos muitas de nossas próprias ações. Um exemplo disto é o “espanto” que às vezes vemos aparecer em alguns de nós frente aos problemas ecológicos contemporâneos que, como já mencionei, nada mais são que uma decorrência de nossa forma de pensar/agir/viver no mundo. O texto literário se constitui em um território privilegiado para a busca de interlocução entre estes contraditórios, desde que não se tenha a pretensão ou o objetivo de anulação de nenhum dos mesmos, mas sim, de colocá-los em diálogo. Aqui estaria uma possibilidade de se lançar mão desta riqueza de elementos que nos oferece a complexidade do texto. Para Paz toda a obra literária está datada. É histórica. Quem a faz são homens e mulheres em um determinado tempo e lugar se inscrevendo numa dada sociedade mas, também, se desloca desta mesma época. Isto faz com que seja *“lida de modo diferente dez anos depois, vinte anos depois, cinquenta anos depois; cada leitura é uma modificação da obra, cada leitura é uma recriação da obra”* (Paz, 1999:228). Esta recriação através da modificação da obra é que faz de cada leitor(a) e a cada momento um(a) novo(a) escritor(a). Esta “reinvenção/recriação” do texto constitui-se em uma das conseqüências das múltiplas representações contidas no mesmo. A partir desta idéia pode-se apostar na potencialidade do texto como uma possibilidade de construção/desconstrução de representações. Além desta possibilidade de trabalho em busca de alternativas para a EA na escola, através de estudo de diferentes obras literárias, também podemos nos arriscar um pouco mais e buscar através de um processo de criação e/ou produção de textos pelos grupos com os quais estamos no momento envolvidos. Por exemplo, uma turma de alunos(as) numa escola.

Ao tratarmos de uma questão ecológica - um problema ecológico qualquer - podemos transformá-lo num texto. Pode-se fazer isto através da descrição daquilo que estamos vendo e entendendo como um problema ou questão ecológica a ser debatida. Ao fazermos isto estaremos na verdade dando visibilidade e possibilidade de interpretação, através do texto produzido, de uma parte de nossas representações sobre o que estamos julgando estar sendo descrito. Esta prática estaria oportunizando uma relação educador(a)

educando(a), onde seria incentivado o processo criativo individual ao mesmo tempo que dar-se-ia oportunidade para a troca de experiências entre os(as) envolvidos(as). Este exercício de (re)leitura do mundo feito por Paz em seus ensaios políticos, em suas reflexões sobre a ciência, a cultura, as religiões, os rituais e crenças do povo mexicano em um primeiro momento – exemplo de *Laberinto de la soledad* - posteriormente se estende para os demais povos latino-americanos. No entanto, este exercício de buscar estabelecer um diálogo entre texto, leitor(a), história e mundo não fica restrito aos seus escritos políticos e às suas reflexões críticas. Estende-se de forma magistral, aos seus poemas. Vários são os exemplos desta aproximação em sua extensa obra poética. Uma obra poética que soube como poucas outras retratar sentimentos, desejos, paixões, corpos e geografias. Proporcionando uma demonstração real da relação dialógico-interativa entre trama, texto, autor(a) e leitor(a). Vejamos um exemplo

Mira tu cuerpo como un largo río/son dos islas gemelas tus dos pechos/en la noche tu sexo es una estrella/alba, luz rosa entre dos mundos ciegos/mar profundo que duerme entre dos mares. Tibia mujer de somnolientos ríos/mi pabellón de pájaros y peces/mi paloma de tierra/mi leche endurecida/mi pan, mi sal, mi muerte/mi almohada de sangre: en un amor más vasto te sepulto. (Paz, 1994:25).

Ao contrário de uma simples comparação entre partes do corpo da mulher e elementos de geografia, o que temos, no poema de Paz, é uma relação de entrecruzamento entre o ser mulher - com toda sua complexidade de sentimentos em um universo corporal carregado de mistérios e desejos - com um outro universo, este sim geográfico, mas também carregado de representações e simbolismos. A mulher assume, neste sentido, uma dimensão que extrapola seu simples e tradicional papel de “ser mulher”. Apenas mais um ser mortal. A mulher passa a ser representada como um mundo. Um mundo com tudo o que dele faz parte. Amor, paixão, admiração, desejo, erotismo. Mas que, como mundo, também se apresenta carregado de dor, de ausências, de contrariedades, e como não poderia deixar de ser: de morte. Como fica explícito no fragmento que finaliza o poema cima. Também na poesia Paz recorre ao recurso do paradoxo, do confronto entre os contrários, para nos falar do mundo. Um exemplo disto é o processo de vida e morte, verdade e dúvida, liberdade e aprisionamento, convivendo em um mesmo território, fazendo parte do processo permanente de criação e destruição. No poema *El prisionero* (1937-1947), esta dualidade assim é retratada por Paz

No te has desvanecido. Las letras de tu nombre son todavía una cicatriz que no se cierra/Un tatuaje de infamia sobre ciertas frentes./Cometa de pesada cola fosfórea: razones-obsesiones/Atraviesas el siglo diecinueve con una granada de verdad en la mano/Y estallas al llegar a nuestra época. (Paz, 1994:111)

A poesia, para Paz, constituir-se-ia em um caminho para a construção da fraternidade e solidariedade entre os seres humanos e o universo. O pensamento ecologista carrega desde suas origens, a marca de tentar estabelecer esta relação de diálogo e de pertencimento entre os seres humanos e os demais seres vivos, e por que não dizer, todas as coisas do universo. O sistema educativo cada vez mais está sendo questionado, justamente, na falta desta relação de diálogo e de pertencimento solidário e planetário. O processo mecanicista e cartesiano, que hegemonizou a educação na modernidade, acabou alijando do mesmo estas dimensões que hoje, estão sendo reclamadas. Talvez o mais correto seja dizer que cabe trazer, pela primeira vez, para o interior do processo educativo estas dimensões do pensar e do agir humanos, uma vez que talvez nunca tenham sido incorporados, efetivamente, ao fazer pedagógico e de construção do conhecimento nas escolas. Ao ser indagado sobre a possibilidade da poesia e da literatura como alternativas para a construção de homens e mulheres mais solidários e fraternos, tendo em vista que muito poucos(as) seriam aqueles e aquelas que têm apreço e acesso a estes tipos de arte, Octávio Paz rebate que a quantidade de pessoas que na sociedade moderna têm este contato não deve servir para desacreditar nem a poesia nem a literatura em geral como possíveis instrumentos educativos de uma sociedade. Ao contrário, há que construir estes caminhos de acesso, pois os seres humanos, segundo ele, são atraídos pela poesia desde os primeiros tempos. Na sociedade pós-moderna, a educação em geral e a EA em particular, terão que se ocupar de questões que têm origem local mas que podem e em muitos casos têm repercussões planetárias. Um exemplo deste tipo de questão são os problemas ecológicos contemporâneos. A intervenção, via processo educativo, nas (QE) tem uma importante e fértil possibilidade pedagógica através da discussão das representações dos(as) educandos(as) envolvidos(as). Educandos(as) estas que tanto pode ser um grupo de séries iniciais de uma escola, um grupo de professores(as), um grupo de alunos(as) de graduação de uma licenciatura, quanto um grupo de moradores de uma determinada comunidade. Enfim, um grupo qualquer, envolvido, no momento, com a discussão sobre um problema ecológico. A discussão das representações sobre as (QE) contidas em um texto, seja ele oferecido aos participantes do

grupo ou por estes produzido, têm um caráter pedagógico importante à medida que possibilita uma reflexão e um diálogo sobre estas.

3- Dialogando a partir da proposta apresentada

Compartilho agora com os leitores(as) algumas reflexões sobre a alternativa pedagógica em EA que tem como ponto de partida a idéia de “ler”, “interpretar” um determinado problema ecológico como um texto:

- Ela evita que repitamos o paradoxo tão freqüentemente encontrado nas iniciativas de (EA) onde se trata de tudo menos da presença do ser humano em suas angústias e sofrimentos existenciais. A possibilidade de “leitura do mundo” aqui proposta só teria pertinência, e sentido educativo, com a inclusão no universo “lido”, “interpretado”, daqueles e daquelas que “lêem”, que “interpretam”, ou seja, de homens e mulheres em seu espaço e tempo de vida. Fazendo presente um passado que não se resume apenas a um tempo biológico ou de calendários, mas sim, coloca o(a) leitor(a) dentro de uma dimensão histórica, psíquica do tempo. O tempo passa a ser muito mais que uma abstração, é um pouco da história, da vida, da realidade representada no texto construído ou na leitura feita. O texto passa, assim, a ser visto como um “fragmento do mundo”, como um “pedaço da história” e, como tal, permanentemente aberto tanto às múltiplas possibilidades do humano e às diferentes áreas de produção de conhecimento e/ou saberes, quanto às mais diversas interpretações e representações construídas por parte daqueles(as) que o “lêem”, que o “interpretam” em busca de entendimento;
- Com esta alternativa pedagógica, partimos de uma iniciativa onde história e ambiente, cultura e natureza fazem parte de um mesmo complexo bio-psíquico. Estaríamos referendando a idéia de que nossa história passada se confunde com a história das crises e problemas ambientais contemporâneos. Daríamos, assim, crédito a idéia de, juntamente com as denúncias e protestos, fazer-se uma sincera autocrítica. Uma autocrítica que nos leve a assumir os papéis que nos cabem. Aceitando nossa parcela de responsabilidade sobre o que de bom e de mau avistamos quando olhamos para o passado. Um passado do qual não podemos fugir, muito menos nos desculpar pura e simplesmente, pois, o que estamos

vivenciando hoje, nada mais é que o produto, o resultado, da ou das iniciativas humanas - autoritarismos, fanatismos, destruição ecológica, aniquilamento do diferente, desprezo pelas minorias - iniciativas e atitudes estas, que certamente fizeram parte de escolhas, e que provavelmente não eram as únicas possíveis de serem feitas. De outra forma, estaríamos abrindo espaço para o alerta feito por Paz para o fato de que os seres humanos, mais que atores da sua história, precisam ser conhecidos e também se auto reconhecerem como a própria história em permanente (re)(des)construção. Esta crítica que estou defendendo postula a saída para os problemas apontados através de alternativas que rompam com o ideário paradigmático hegemônico, tais como; a idéia de progresso; de futuro; de dominação da natureza; de conhecimento objetivo; hierarquia entre as diferentes formas de saber; apartação sociedade e natureza; natureza e história. Enfim, do paradigma moderno de produção de conhecimento. As (QE) são um exemplo radical da impossibilidade de criação de alternativas sem o rompimento com o ideário moderno de sociedade. Esta postura crítica estaria muito próxima àquilo que Octávio Paz denominou em *El mono gramático* de uma crítica do universo que seria feita levando em conta o estudo e “deciframento” da gramática deste mesmo universo. A gramática é aqui entendida, tomada, como o estudo das tramas e fatos que regem uma determinada escritura e/ou linguagem que tanto pode ser um texto, como o universo, como um problema ecológico em análise transformado em texto. Um texto que jamais será único, à medida que é tecido pelos sentimentos e subjetividades em metamorfose permanente no cotidiano. Assim vista a construção e ou/desconstrução do problema ecológico como texto passa a ser uma maneira a mais de produção de conhecimento sobre um fragmento da realidade presente. Em nosso caso, uma produção de conhecimento em (EA);

- Como consequência das duas vantagens acima citadas estaremos contornando e/ou diminuindo as dificuldades para a realização de iniciativas de (EA) na escola, decorrentes da rigidez das estruturas curriculares vigentes na maioria das redes de ensino escolar. Se não temos um currículo escolar aberto o suficiente para a discussão de certas temáticas ou para a sua inclusão como conteúdos sem

a criação de novas disciplinas, isto não deve servir de impedimento para que as mesmas sejam contempladas nas práticas educativas que as questões contemporâneas estão a exigir de educadores e educadoras em um ambiente educacional de pós-modernidade. Seria uma forma “subversiva” e “conspiradora” de por dentro de estruturas rígidas e disciplinares, realizar exercícios de flexibilização e de interdisciplinaridade, proporcionando algo tão necessário quanto raro em educação: o diálogo entre as disciplinas ou saberes. O problema ecológico analisado seria construído ou desconstruído a partir das representações de cada um dos seus “intérpretes”. Com isto estamos exercitando uma metodologia em que o texto, a leitura e o problema ecológico nele representado permanecem inseparáveis. Esta prática nos possibilita, também, a explicitação de uma maior pluralidade de interpretações que o texto implica, através da “utilização” de cada leitor(a) daquilo que Paz chama de “espaços vazios” presentes nos textos e que são possibilidades de re(des)construção de representações sobre a realidade ou fragmentos desta;

- Ao descrever um problema ecológico, a reflexão sobre ele nos coloca em um caminho de auto conhecimento, à medida que, ao assumirmos determinadas interpretações, estaremos, necessariamente, assumindo também nossa participação ou nossa parcela de responsabilidade sobre o que estamos analisando. Estaríamos lançando mão de algo semelhante ao processo de “desmascaramento” sugerido por Paz como forma de buscar-se uma aproximação maior com o imaginário de um grupo ou de uma sociedade, bem como, evitando cair na armadilha tão freqüente da aposta nas soluções rápidas e simplistas para problemas tão complexos como os ecológicos. Vejo nesta idéia de “desmascaramento” um importante método a ser utilizado, visando compreender mais a fundo as (QE). Pois, com muita freqüência estas questões são tratadas apressada e superficialmente. O resultado são conclusões equivocadas e que muito pouco contribuem para um trabalho educativo comprometido com o urgente e necessário repensar de nossas representações e práticas de (EA). Um exemplo de “máscaras” é o uso e aceitação fácil de determinadas expressões como “*subdesenvolvimento*” e “*terceiro mundo*”.

Estas duas expressões são dois excelentes exemplos de “máscaras” que, ao nivelarem mecanicamente diferentes situações e/ou países, nos impedem de ver/entender o que se passa de contraditório em seus processos sociais internos. A busca de uma “interpretação” dos problemas ecológicos como se fossem um texto, aliada a este processo de “desmascaramento” acaba, também, trazendo à tona, dando visibilidade, à representação de “natureza” como uma mera exterioridade a cada um de nós. Tal situação está intimamente ligada ao nosso processo de criar “máscaras” atrás das quais julgamos estar ao abrigo do olhar do outro e também do nosso. Tal fenômeno Paz descreveu como a tentativa de enganar aos outros mas que acaba em verdade enganando a nós mesmos. Em relação aos problemas ecológicos, esta é uma “máscara” muito frequentemente “usada”. Com muita frequência as falas que dizem respeito ao entendimento das possíveis origens dos problemas ecológicos são direcionadas ao “outro” ou “outra”;

- A idéia de buscar que cada pessoa envolvida com o problema ecológico o descreva, ao mesmo tempo em que nos possibilita uma “interpretação” que contemple a subjetividade individual, abre espaços para a manifestação de outras formas de conhecimento que não apenas o científico. Ao “interpretar” cada pessoa o fará através de suas representações e também de seus conhecimentos que podem vir permeados por outras formas de saberes como o saber étnico e saber popular. A educação em geral está cada vez mais procurando estabelecer diálogos entre as diferentes formas de saber. Frente à complexidade das (QE), as alternativas de (EA) não podem prescindir deste diálogo. Diria que o mesmo se torna condição decisiva, ou senão como imaginar uma iniciativa de (EA), por exemplo, na Amazônia desconsiderando os saberes dos povos amazônidas? Como entender os problemas ecológicos urbanos sem dialogar com os moradores das regiões em que vivem, buscando identificar quais suas prioridades, suas preferências, suas necessidades imediatas, a médio ou longo prazos, quais seus desejos e representações sobre lazer, religião, saúde, educação, trabalho, transporte., etc.;

- Ao estabelecermos um diálogo sobre um problema ecológico estaremos dando visibilidade, através das diferentes interpretações e representações de cada participante, as contradições, oposições e conflitos inerentes aos processos que envolvem a vida das pessoas. Lidar com as (QE) contemporâneas é estar permanentemente mexendo com conflitos, com interesses dos mais variados. Diria até que as (QE) têm este grande mérito: o de “desmascarar” interesses às vezes escondidos, pouco visíveis, em certas falas e discursos. No entanto, não basta identificar as oposições, os antagonismos. Há que ir além. O grande desafio para a construção de uma sociedade mais fraterna, democrática e socialmente justa, passa necessariamente, pela busca de convivência entre os ditos “contrários”, se temos muito freqüentemente um monólogo há que estabelecer um diálogo. As alternativas em (EA) precisam apostar neste diálogo como forma de “inventar” práticas pedagógicas que rompam com os dualismos, antagonismos e separações clássicas da modernidade aos quais já me referi anteriormente. A interpretação de um problema ecológico através do diálogo/confronto entre os diferentes sujeitos envolvidos pode nos ajudar em muito a pôr em prática a idéia de Paz de “*construção pelo paradoxo*”. Em geral, as grandes questões de nossa época são questões que envolvem situações paradoxais. No entanto, estou convencido de que poucas estão tão radicalmente impregnadas desta característica quanto as (QE). Neste sentido é que vejo como uma importante contribuição metodológica de trabalho em (EA) a idéia presente na obra de Paz, da construção de conceitos, e de novas regras de convivência no planeta, através da “*construção via paradoxos*”.
- Para encerrar, estes comentários finais, a idéia de tomar-se o texto como fonte para o estudo das (QE) é que estaremos, com isto, rompendo com a idéia de que só se pode fazer (EA) nos espaços extra-escola, extra-sala de aula. E quero deixar explícita, mais uma vez, minha posição de que não tenho nada contra que se trabalhem as (QE) nos espaços que envolvem a escola. Ao contrário, defendo que as (QE), como as demais temáticas com que se trabalha em educação precisam, e devem ser tratadas na sua complexidade, buscando, sempre que possível, sua contextualização. A hegemonia das atividades educativas em

(EA), realizadas por professores(as), é constituída de ações fora da sala de aula. Tal situação pode ser, facilmente, constatada através de várias pesquisas já realizadas sobre as tendências e perspectivas de trabalho em (EA) no Brasil. De minha parte, já tratei deste tipo de pesquisa em vários momentos. As conclusões a que se chega é de que, hegemonicamente, as iniciativas em (EA) são extra-sala de aula. Acontecem em outros espaços que não o da escola e de seus respectivos conteúdos curriculares mínimos ministrados. Espaços e territórios, estes, sem dúvida da maior importância para uma educação criadora de espaços democráticos e libertários. Assim sendo, é que considero da maior relevância e pertinência, neste momento, trabalhos e pesquisas em (EA) que visem a construção de alternativas de intervenção sobre as (QE), tomando como ponto de partida o espaço das relações didático-pedagógicas no cotidiano escolar. Explicitando: há que se descobrir formas e metodologias de trabalho em (EA) onde a discussão e reflexão sobre as (QE) estejam relacionadas com os conteúdos curriculares das diferentes disciplinas e níveis do processo educativo escolar.

A discussão sobre as possibilidades desta alternativa pedagógica de EA poderia ser interminável. Espero ter dado início a esta reflexão. Uma educação, em geral, e uma EA em particular, que estejam sinceramente comprometidas com a construção de um mundo social e ecologicamente mais justo não poderá deixar de ouvir e refletir, sobre as diferentes vozes que estejam comprometidas com a edificação de valores como tolerância, solidariedade, justiça, fraternidade, amor e ecologia. Enfim, na busca de uma sociedade mais apaziguada.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO. A. **Literatura e Sociedade. Estudos de teoria e história literária.** São Paulo. T.A. QUEIRÓS, 2000.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro. ZAHAR, 1978.

PAZ, O.; CAMPOS . **Transblanco.** São Paulo. Siciliano, 1994.

PAZ, O. **Itinerário.** México. Fondo de Cultura Econômica, 1999.

----Obras Completas. V. III. México. Fondo de Cultura Econômica, 1994. 13v.

----Obras Completas. V. X. México. Fondo de Cultura Econômica, 1994. 13v.

----Obras Completas. V. I. México. Fondo de Cultura Económica, 1994. 13.v.

----Obras Completas. V. V. México. Fondo de Cultura Económica, 1994. 13.v.

----Obras Completas. V. VI. México. Fondo de Cultura Económica, 1994. 13.v.

PESAVENTO, S. J. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: **Leenhardt; Pesavento, S. (Orgs). Discurso histórico e Narrativa Literária.** Campinas, UNICAMP, 1998.

REIGOTA, M. **A Floresta e a Escola: por uma educação ambiental pós-moderna.** São Paulo. Cortez, 1999.

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e Representação Social.** São Paulo. Cortez, 1995.

SANTOS, L.A.B. O olho livre divaga - dinâmicas narrativas na obra de Sérgio Sant'anna. . In: Otte; oliveira (Orgs). **Mosaico crítico** Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

SATO, M.; SANTOS, J.E. Um Breve itinerário pela educação ambiental. In: SATO, M.; SANTOS, J.E. (Orgs.) **A contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora.** São Carlos, RiMa, 2001.

VATTIMO, G. **A Sociedade Transparente.** Lisboa. Relógio D'água. 1992.

ZAKRZEVSKI. S. As tendências da educação ambiental. In: ZAKRZEVSKI. S. (ORG.) **A educação ambiental na escola.** Erechim. EDIFAPES, 2003.